

Resenha

E *Deus* criou a mulher!

Maria Letícia de Oliveira Reis

Doutora em Psicologia Clínica pela USP
marileoliveira@hotmail.com

Resenha de BEAUVOIR, S. *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita e outros escritos*. Organização, tradução e notas de Magda Guadalupe dos Santos e Paulo Sartori. Belo Horizonte: Quixote, 2018.

Os leitores de Beauvoir acabam de receber a tradução de três textos reunidos num mesmo volume: *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita*, *O que o amor é – e o que não é* e *Uma existencialista observa os americanos*. Beauvoir os escreveu “sob encomenda”, no período em que esteve nos Estados Unidos, em 1947, quando deixou a Europa arruinada pela guerra. Na América, *The New York Times* foi um dos jornais que publicou dois desses ensaios.

O esmero na organização do livro e na tradução dos textos chama a atenção do leitor: o cuidado com a edição, com as fontes das traduções, a cordialidade entre os envolvidos no projeto, entre eles a filha adotiva de Simone de Beauvoir, Sylvie Le Bon de Beauvoir, que foi uma agradável colaboradora, fazendo jus à sua responsabilidade de que a obra de Simone de Beauvoir fosse transmitida. Desse modo, a apresentação do livro é feita pela própria Sylvie, e os tradutores brasileiros tiveram o apuro de publicar, juntamente à tradução, o texto original de Sylvie em francês. Os textos de Simone foram traduzidos a partir de sua primeira versão em inglês, língua da publicação, mas posteriormente cotejados com os escritos em francês. Todos os três ensaios são comentados. O livro, assim, é bastante importante para quem se interessa pela obra de Simone de Beauvoir. Ainda que o conteúdo da coletânea não ocupe a essência da obra de Beauvoir, a publicação brasileira situa esses ensaios dentro da produção da autora. Nesse sentido, traz, ao final, a ampla cronologia, de 1908 a 1986, além de indicar quem são os pesquisadores da obra de Beauvoir ao redor do mundo.

No Brasil, depois da questão do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2015 sobre Simone de Beauvoir, as redes sociais divulgam e publicam constantemente frases da autora. Uma dessas citações é: “A sociedade confunde a mulher livre com a mulher fácil”. Vale recorrer ao local onde primeiramente esta frase surgiu. Ela se encontra na página 84 no ensaio *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita* (1959/2018), mas está no segundo volume de *O segundo sexo* (1949/2016). Assim:

A sociedade confunde a mulher livre com a mulher fácil; o próprio amante não reconhece de bom grado a liberdade de que se aproveita; prefere acreditar que a amante cedeu, deixou-se arrastar, que ele a conquistou, a seduziu. Uma mulher

orgulhosa pode pessoalmente tirar partido da vaidade do parceiro, mas será odioso para ela que um marido estimado suporte a arrogância dessa vaidade. É muito difícil para uma mulher agir em nível de igualdade com o homem, enquanto essa igualdade não for igualmente reconhecida e concretamente realizada. (BEAUVOIR, 2016, p. 361, grifo nosso)

E no capítulo *A mulher independente*: “Na França principalmente, *confunde-se obstinadamente mulher livre com mulher fácil*, a ideia de facilidade implicando uma ausência de resistência e de controle, uma falha, na própria negação da liberdade” (Idem, p. 514).

É importante observar que a frase, na segunda aparição, surge no contexto específico francês. Os ensaios contidos no livro do qual essa resenha se ocupa têm um denominador comum: a forma de vida na Europa e nos Estados Unidos, no que tange, também, à situação amorosa e erótica da mulher. Várias notas de rodapé ao longo do livro cuidam não somente do contexto da tradução, mas, como aponta a tradutora: “[o conteúdo] parece refletir a necessidade de atender às diferenças culturais entre o público francês e o norte-americano” (SANTOS, 2018, p. 69).

É nesse contexto que surge o ensaio *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita*, em que encontramos referências a vários filmes de Brigitte Bardot. Neles, Beauvoir observa que a atriz não era amada no próprio país, mas era amada nos Estados Unidos, onde seu filme *E Deus criou a mulher* chegou a quatro milhões de dólares e Bardot foi considerada um “produto de exportação”, tal como um Renault. Ora, o que podemos discutir sobre a sexualidade norte-americana e a francesa na década de 1950? A sexualidade da mulher parece romper e causar fronteiras. Ainda que tenha sido mais bem recebida nos Estados Unidos, não faltaram críticas e manifestações contra Bardot. O leitor brasileiro será capaz de observar a atualidade do debate de Beauvoir, mais ainda quando afirma:

não estou surpresa que moralistas profissionais em todos os países, inclusive nos EUA, tenham tentado proibir seus filmes. Em todas as épocas, nobres pensadores, identificaram a carne com o pecado e sonharam jogar no fogo as obras de arte, os livros e os filmes que tratam da carne com excesso de complacência ou franqueza. [...] Mas Brigitte Bardot não tem nada da ‘jovem fácil’, nada que permitiria a um homem tratá-la com essa frivolidade. Não há nada de vulgar nela. Ela tem um tipo de dignidade espontânea, algo da seriedade da infância. (BEAUVOIR, 2018, pp. 71-85)

Brigitte Bardot parece apresentar alguma especificidade, uma marca em sua sexualidade. O que leva a perguntar: por que, dentre várias, Bardot foi a que, segundo Beauvoir, se tornou um “monumento de imoralidade”, chocando alguns e seduzindo a outros? Por quê? Para Beauvoir, não foi apenas uma enorme publicidade, mas a lenda que está por trás da pele de Bardot é uma versão moderna de um mito antigo que retoma o “eterno feminino” e, daí, surgiu um novo gênero de erotismo. E, daí, surgiu o amor, que, segundo Beauvoir pode prescindir de mistério, mas o erotismo, não. O título do ensaio de Beauvoir relembra a *Lolita* de Nabokov, mas, segundo as notas, parece que esse foi um título sugerido pelos norte-americanos, não por Beauvoir. Isso porque a autora não se ocupa de desenvolver a síndrome de Lolita; ou, melhor dizendo, Lolita não é objeto de sua análise. De todo modo, Beauvoir não deixa de afirmar que “Bardot é o mais perfeito espécime dessas ninfas ambíguas” (BEAUVOIR, 2018, p. 73).

Para Beauvoir, o rosto de Brigitte Bardot possui sempre a mesma expressão, “essa indiferença lhe convém. Brigitte Bardot não foi marcada pela vida” (BEAUVOIR, 2018, p. 76). Ser marcado por uma experiência, por um sofrimento, aceitar que algo falta, essas são características invocadas por Beauvoir para se referir à pessoa que quer amar. No texto *O que o amor é – e o que não é*, Beauvoir afirma: “Uma pessoa em excessiva harmonia com a sociedade pode nunca vir a conhecer o amor” (BEAUVOIR, 2018, p. 123); e, ainda: “você não se apaixona quando está completamente feliz ou na crista da onda; é somente quando a vida perdeu o seu sabor [...] o amor não aparece quando a vida te satisfaz, nem quando te esmaga, mas apenas para aqueles que abertamente ou secretamente desejam mudar” (BEAUVOIR, 2018, pp. 122-123).

Para dar um exemplo do cuidado desta edição brasileira, a tradutora e comentadora do ensaio alude ao texto *Um amor transatlântico*, escrito por Beauvoir entre 1947 e 1964 publicado no Brasil em 2000, que consiste nas cartas que escreveu a Nelson Algren. O amor a levou aos Estados Unidos. E, assim, ela escreveu sobre o amor a um homem e à possibilidade, segundo a comentadora, de restauração de uma época devastada pelas guerras... “tornar possível novas formas de memória, que trouxessem à humanidade prazer e conforto, ao invés de conflitos e desgosto” (SANTOS, 2018, p. 130).

Há um trecho de Simone de Beauvoir, apresentado por Sylvie Le Bon de Beauvoir, que parece uma previsão dos nossos tempos: “Você deve entender, me declarou um francês comum, que quando um homem acha uma mulher atraente, deseja poder beliscar seu traseiro” (LE BON DE BEAUVOIR, 2018, p. 27). Sylvie Le Bon de Beauvoir, que escreveu a apresentação em 2018, acompanhou a avalanche de denúncias nos Estados Unidos e Europa. Sabemos dos movimentos #metoo e #balancetonporc (os quais não menciona), mas a diferença entre os movimentos pode ser pensada através das diferenças apontadas por Beauvoir acerca da sexualidade nos Estados Unidos e França.

No ensaio *Uma existencialista observa os americanos*, Beauvoir está, segundo Sylvie, “deslumbrada pela abundante realidade humana, social e econômica desse imenso e próspero país” (LE BON DE BEAUVOIR, 2018, p. 24). No ensaio, Beauvoir chama a atenção sobre a forma de vida dos americanos, lembra o soneto sobre a felicidade ser nenhum sofrimento ou preocupação, uma casa, uma esposa fiel. Mas, assim como faz no ensaio sobre o amor, Beauvoir questiona a razão de ser do pequeno burguês acomodado, que foge da vida enquanto pode ir dando aos acontecimentos o menor valor possível. (Tal como a cara inexpressiva de Brigitte Bardot, que encantou os americanos mais que os franceses). É nesse ensaio que surge uma nota de rodapé à diferença entre ser e existência: “a diferença entre Ser (*being*) e Existência (*existence*) merece ser ressaltada. Ser (*being*) é, entre eles, o termo mais passivo; enquanto a Existência (*existence*) sugere movimento e propulsão” (BEAUVOIR, 2018, p. 143). É o ensaio de Beauvoir em que ela declara ser uma existencialista: observando a forma de vida americana, discute como os Estados Unidos se fascinam pelo “simples resultado, sem se preocupar com a existência humana que por ele [os EUA] foi colocada em risco” (BEAUVOIR, 2018, p. 143). Essa falta de preocupação, para uma existencialista, é “grave perigo”.

Sylvie Le Bon de Beauvoir lembra a responsabilidade da filosofia de desmistificar, mas isso também é uma responsabilidade moral dos intelectuais, e – por que não dizer? – responsabilidade sexual dos intelectuais. Parafraseando Freud, no título de seu

texto *Moral sexual civilizada, doença nervosa moderna*, a pergunta é: onde o intelectual se posiciona? Precisa-se desmitificar tudo, políticos, cargos, funções, eterno feminino, mães suficientemente boas. De fato, Sylvie Le Bon de Beauvoir afirma: “Desmistificar não é desencantar, ao contrário, é denunciar ídolos falsos” (LE BON DE BEAUVOIR, 2018, p. 22). Tal como fez Freud ao escrever *Totem e tabu*, para mostrar como a derrocada do Pai totêmico que tudo podia foi imprescindível para o progresso civilizatório. Mas tudo isso é arriscado! Tanto que Simone de Beauvoir reconhece: “Tão logo se toca num único mito, todos os outros mitos estão em perigo” (BEAUVOIR, 2018, p. 96). E esse Deus que criou a mulher não supunha que sua sexualidade daria tanta ocupação aos homens de fé – nem que seus questionamentos não iriam além-mar. Pelo contrário, *dariam a mares* muitos discursos que, mergulhados entre hipocrisia e cinismo, se apropriam da máxima “meu corpo minhas regras”.

Vale retomar a frase de Brigitte ressaltada por Beauvoir: “Eu quero que não haja nem hipocrisia nem bobagens sobre o amor” (BEAUVOIR, 2018, p. 96). Nós também não, Brigitte! Perdão, Brigitte!

Referências bibliográficas:

BEAUVOIR, S. *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita e outros escritos*. Organização, tradução e notas de Magda Guadalupe dos Santos e Paulo Sartori. Belo Horizonte: Quixote, 2018.

_____. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Volume 2. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016.

LE BON DE BEAUVOIR, S. Apresentação. In: BEAUVOIR, S. *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita e outros escritos*. Organização, tradução e notas de Magda Guadalupe dos Santos e Paulo Sartori. Belo Horizonte: Quixote, 2018.

SANTOS. In: BEAUVOIR, S. *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita e outros escritos*. Organização, tradução e notas de Magda Guadalupe dos Santos e Paulo Sartori. Belo Horizonte: Quixote, 2018.

Recebido em: 27/Out/2019 - **Aceito em:** 02/Dez/2019.